

## O romantismo inglês II - Samuel Taylor Coleridge

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "O romantismo inglês II - Samuel Taylor Coleridge", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 389-393.

## O ROMANTISMO INGLÊS

## II – Samuel Taylor Coleridge

COMO tivemos ocasião de dizer na emissão anterior, os dois grandes vultos do primeiro Romantismo inglês foram Wordsworth e Coleridge. De William Wordsworth falámos nessa altura; e de Coleridge falaremos hoje — sobretudo para «enquadrar» dois fragmentos dos mais belos e mais célebres poemas que ele escreveu.

Apenas dois anos mais novo que Wordsworth — de quem foi grande amigo e com quem depois cortou relações —, Samuel Taylor Coleridge é uma das mais fascinantes personalidades poéticas de todos os tempos, um dos criadores mais originais de toda a poesia inglesa e, simultaneamente, um dos espíritos mais penetrantes que se têm debruçado sobre a essência da poesia. Por outro lado, enquanto o seu companheiro Wordsworth — que largamente lhe sobreviveu — conseguiu sempre, ou quase sempre, conciliar uma autêntica inspiração com as exigências de uma vida regrada, equilibrada, bem pautada, dentro das normas do decoro social — Coleridge, pelo contrário, foi um constante inadaptado, um irregular, um ser à margem — e tudo isto, aliás, com uma candura e uma docilidade que por completo desarmaram toda a gente. Tendo-se viciado no ópio, muito cedo veio a sofrer as terríveis consequências dessa fraqueza e a cair numa degradação física e moral que inclusivamente o perdeu para a própria actividade poética. Com pouco mais de trinta anos, era uma pungente caricatura do que tinha sido — e os seus grandes poemas tinha-os escrito, justamente, entre os vinte e cinco e os vinte e oito anos.

Seja como for, no seu caso, e ao contrário do que acontece com diversíssimos poetas, as datas da sua vida apresentam um interesse muito reduzido ou muito relativo. Ele próprio, de qualquer modo, assim o entendia, tendo escrito o seguinte a esse respeito:

Não é pelas datas que a posteridade julgará sobre a originalidade de um poeta, mas sim pela originalidade do seu próprio espírito. Essa originalidade não se encontra sequer na efabulação, nem mesmo na fantasia ou nas imagens, as quais não passam de formas e de cores: é antes um espírito subtil, inteiramente presente em cada parte, que concilia e unifica tudo. Paixão e imaginação são os nomes que lhe convêm melhor: e mesmo assim

não dizem eles grande coisa, porque não basta somente a paixão, mas sim a paixão poética, a imaginação poética.

Ora são precisamente estes plenos poderes, concedidos por Coleridge, à paixão poética, à imaginação poética, que fazem dele um poeta incomparável, uma espécie de «mago» mesmo quando parece confinar-se em propósitos de puro descritivismo. Assim acontece, por exemplo, na *Balada do Velho Marinheiro* — de que a seguir irei ler um fragmento, numa tradução inédita do escritor e dramaturgo Ricardo Alberty, meu velho amigo e condiscípulo nos bancos da antiga Faculdade de Letras. Autor, entre outras, de excelentes traduções de Shakespeare e de La Fontaine, Ricardo Alberty desejou espontaneamente colaborar com este programa — e são dele *todas* as traduções de Coleridge que hoje iremos apresentar. Mas a primeira, como já disse, será um excerto da Parte I da *Balada do Velho Marinheiro* — excerto esse que constitui de resto uma perfeita unidade:

*Depois surgiu a Tempestade,  
E os ventos indomáveis, agarrando,  
Como asas fortes, o navio,  
Para o Sul nos foram arrastando.*

*Proa submersa e mastros vergados,  
Como homem perseguido e condenado,  
Que segue, mudo, a sombra do inimigo,  
E curva a cabeça; assim seguia  
Rápido, o navio. O temporal rugia,  
E cada vez mais p'ra sul nos empurrava.*

*Levantou-se neblina; caiu neve depois,  
E fez um frio pavoroso e mortal:  
E blocos de gelo apareceram em volta,  
Tão altos ou mais do que o mastro real.*

*E no meio das correntes, as escarpas de gelo  
Reflectiam luzes de um estranho fulgor:  
Não víamos homens, nenhum ser vivente...  
Nada mais que gelo em nosso redor.*

*O gelo estava aqui, o gelo estava além,  
Só gelo e mais gelo à tona do mar:  
Estalava e gemia com o estranho som  
Que ouve uma pessoa que vai desmaiar!*

*Até que apareceu, entre o nevoeiro,  
Um enorme Albatroz saído dos céus,  
Que foi recebido como alma cristã,  
E saudado por nós em nome de Deus.*

*Comeu a comida que nunca provara,  
E em volta do barco três vezes voou.  
De súbito os blocos de gelo se abriram,  
E pelo meio deles o barco rumou!*

*Começou a soprar um bom vento sul,  
E a ave do mar nos acompanhou;  
E todos os dias, por fome ou por jogo,  
Veio cada vez que o piloto chamou!*

*Com céu encoberto ou com nevoeiro,  
Sobre o pau do leme ou nos cabos dos mastros,  
Enquanto na bruma se espelhava a Lua,  
Sete noites pousou, à luz branca dos astros.*

*— Que Deus te defenda, velho Marinheiro!  
Porque vincas a frente e te enrrouquece a voz?  
Que crime é o teu? Porque me olhas assim?  
— Porque eu, com uma seta, matei o Albatroz.*

Quanto ao que depois se segue, nas outras seis partes de que se compõe o poema, não é coisa que interesse agora desvendar. E esta emissão terá cumprido o essencial dos seus propósitos se ficar alguém — uma só pessoa que seja! — com o desejo de ler o resto do poema de Coleridge. Para os outros — amadores, sobretudo, de peripécias biográficas — importará talvez apresentar uma gravura da região onde o poeta nasceu (o Devonshire); ou um retrato da mulher com quem ele casou (Sara) e que passou por causa dele alguns maus bocados; ou a imagem de uma das casas onde ambos viveram algum tempo, em Keswick, e onde várias vezes Wordsworth os visitou; ou, ainda, para os apaixonados de grafologia, uma pequena amostragem da caligrafia de Coleridge... Apesar de tudo, quanto a mim, parece-me preferível a leitura do poema.

Seja como for — mesmo só em relação ao fragmento que apresentámos —, convém sem dúvida sublinhar o modo discreto, e ao mesmo tempo seguríssimo, como Coleridge passa de uma descrição tipicamente realista — a da tempestade no alto mar —, com todos os seus pormenores rigorosamente desenhados, para a inquietante evocação de uma atmosfera de estranheza. Mas outras vezes, na sua poesia, é precisamente o contrário aquilo que ocorre: a evocação de uma atmosfera estranha — ou irreal, ou perfeitamente imaginária — surge *tratada de*

maneira tão minuciosa que dir-se-ia termos diante dos olhos um quadro de puro realismo. Assim aconteceu, por exemplo, com o início do poema «Kubla Khan». Ei-lo, também numa versão portuguesa de Ricardo Alberty:

*Em Chbanadu fez Kubla Khan  
Um dourado palácio construir:  
No sítio onde Alfa, o sagrado rio,  
Por grutas impossíveis de medir,  
Se arroja ao mar sombrio.  
Milhas e milhas de terras lavradas  
São ali de muralhas rodeadas:  
Os jardins repousam a escutar as fontes;  
As árvores em flor espalham seu incenso;  
Bosques tão antigos como os próprios montes,  
Escondem lá no fundo clareiras luzentes.*

Logo a seguir, porém, impõe-se, com toda a sua espessura, o carácter *visionário* do poema. Aliás, o visionarismo de Coleridge — que pode aproximar-se, sob certos aspectos, do visionarismo de um Rimbaud, de um Lautréamont ou dos surrealistas — constitui um dos mais apaixonantes ingredientes de toda a sua obra. Mas vejamos — que já é tempo! — a continuação do poema, onde de resto nos vai surgir, tal como no trecho há pouco apresentado da *Balada do Velho Marinheiro*, a presença do gelo como elemento indispensável na criação de uma atmosfera de estranheza ou — se assim se prefere — de um universo radicalmente fantástico:

*Mas, oh, que abismo tão profundo e tão estranho  
Através da montanha, oblíquo, se abria!  
Ermo lugar! Só este, sob a Lua esguia,  
Escolheu mulher chorosa para aguardar  
O fantasma do amante que a virá buscar!  
E deste abismo, em fervilhar constante,  
Como hálito da terra, palpitante,  
Aos borbotões, surge um manancial:  
E a boca do cachão intermitente  
Enormes blocos arroja no ar,  
Como grão sob a força do mangual:  
E entre as pedras, em louco rodopio,  
Brotam a espaços o sagrado rio.  
Por entre vale e bosque serpeando,  
Corre, vertiginoso, o rio sagrado,*

*Entra nas grutas impossíveis de medir,  
E em estertor se afunda no oceano parado:  
E Kubla ouve, no rugir das vagas,  
Vozes ancestrais anunciando pragas!  
A sombra das cúpulas, ondeando,  
Flutua, esguia, sobre o mar, ao longe,  
Até onde se vão já misturando  
O ruído das grutas e o das fontes.  
Era milagre ou era pesadelo?  
Um palácio dourado sobre grutas de gelo!*

*Uma donzela trazendo uma lira  
Um dia vi em sonhos, não sei quando:  
Era uma virgem da Abissínia,  
E, nas cordas da lira dedilhando,  
Salmos ao Monte Abbã vinha cantando.  
Se eu pudesse lembrar a sinfonia  
E na minha alma reviver o canto,  
Tão íntimo deleite sentiria,  
Que da própria música alta e clara,  
No ar esse palácio levantara,  
Essas cúpulas de ouro sobre grutas de gelo!  
E quem ouvisse o canto, o palácio veria,  
E: Cuidado! Cuidado! gritaria.  
Vede que olhar de fogo e que soltos cabelos!  
Cercai-o de muros a tocar os céus,  
E velai os olhos com terror sagrado,  
Porque ele provou o mel abençoado,  
E bebeu o leite do jardim de Deus.*

E cremos que chega, por hoje, para ficarmos — nestas *Imagens da Poesia Europeia* — com uma razoável imagem da poesia de um dos mais sortílegos criadores com que ela conta nos tempos modernos.